

## O PROTAGONISMO POLÍTICO DA JUVENTUDE MOSSOROENSE: notas para o debate

Hiago Trindade<sup>1</sup>

\* Taisa Iara de Almeida Costa<sup>2</sup>

### RESUMO

A consolidação da sociedade capitalista, ao passo em que espraia contradições e antagonismos é palco de inúmeras formas de mobilização e resistência. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo situar a atual fase de organização política da juventude da cidade de Mossoró-RN, buscando as conexões desse processo com o legado histórico do Comando de Mobilização estudantil. Para tanto, realizamos revisão de literatura que estabeleceu contato com autores como Mészáros (2002) e Marx (1983). Concluímos, apontado à ampliação da participação da juventude na arena política local e a expansão da agenda de lutas que os move.

**Palavras-chave:** Juventude. Participação Política. Movimentos Sociais.

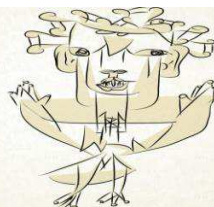
### ABSTRACT

The consolidation of capitalist society, while that spreads contradictions and antagonisms is host to numerous forms of mobilization and resistance. In this sense, this article aims to situate the current phase of youth political organization of the city of Mossoró -RN , searching for the connections of this process with the historical legacy of the student Mobilization Command. Thus, we performed a literature review that made contact with authors such as Mészáros (2002) and Marx (1983). We conclude, pointed to the expansion of youth participation in the local political arena and the expanded agenda of struggles that moves.

**Keywords:** Youth. Political Participation. Social Movements.

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: hiagolira@hotmail.com

<sup>2</sup> Bacharel. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UFRN).



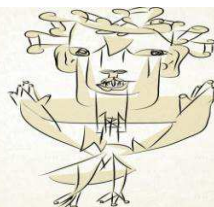
## 1 – Introdução

Mossoró é uma cidade do Rio Grande do Norte conhecida como a terra do sal, do petróleo e, também, como uma cidade brava, guerreira a travar inúmeras lutas ao longo do tempo. Está eternizado no imaginário social e mesmo em lugares específicos da cidade, registros do que ficou conhecido como “chuva de balas” – o momento histórico em que o povo mossoroense consegue vencer o temido Lampião e seus parceiros. Também merece destaque a antecipação da libertação dos escravos, a ocorrência do primeiro voto feminino... Enfim, são muitos acontecimentos e, também, muitas as controvérsias que existem sobre cada um deles. Contudo, nossa intenção, ao redigir estas linhas, não é analisá-los mais detidamente. Os trouxemos à tona pois, numa cidade com tantas histórias para contar – de embates, resistência e conquistas, um sujeito (e sua forma de movimentar-se) parecia invisível: O jovem.

Obviamente, nos tempos que correm, dizer que tal segmento está ausente da arena política mossoroense seria algo absurdo. A prova disso está nas ruas! Em junho de 2013, quando o Brasil organizou-se para reivindicar direitos, a juventude teve um papel fundamental na articulação e desenvolvimento dos protestos que ocorrem em âmbito local. O Movimento Pau de Arara (MPA), atuando pelo direito à cidade e, mais especificamente, pelo transporte público de qualidade e o Movimento Cultural, expressos nas atividades desenvolvidas pelo chamado Beco dos Artistas e pelo recente Centro Urbano de Intervenções Artísticas (CUIA), também comprovam esta assertiva. Além disso, temos uma boa parte dessa juventude atuando em partidos políticos ou, ainda, em Movimentos Sociais, como é o caso do Levante Popular da Juventude (LPJ), que vem ganhando destaque na cidade.

Os exemplos são muitos. Mas, de uma forma ou de outra, o que queremos asseverar é: de uns tempos para cá, assistimos a juventude de Mossoró pautando inúmeras bandeiras de luta, organizando-se em diferenciados grupos e coletivos e, com isso, movimentando a cidade até pouco tempo “preguiçosa”. Decerto, estamos vivenciando um momento de quebra da invisibilidade e inércia desse segmento e acreditamos que, para isso alguns acontecimentos foram fundamentais. Dentre eles, queremos dar ênfase ao Comando de Mobilização Estudantil de Mossoró (COMEM).

Porque falar do COMEM? Nossa hipótese central é a de que a atual efervescência que tem como protagonista uma camada de jovens mossoroenses é um legado direto desse movimento que, apesar de ter um tempo de existência limitado, sobrevive ainda hoje, de diferentes formas, nos sujeitos que o tiveram como primeiro espaço



de aproximação com os movimentos sociais, de formação política e do entendimento da necessidade de organização para a luta. O que estamos querendo dizer, mais precisamente, é que no Pau de Arara, no Levante Popular da Juventude, no Movimento Cultural, nas juventudes partidárias, há um pouco de COMEM, ou melhor, das indagações, questionamentos e críticas que foram despertadas no calor de diversos espaços possibilitados por e através dele.

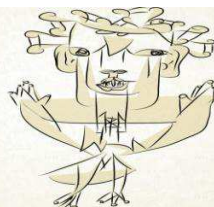
Se, por acaso, os leitores não se sentirem convencidos da importância de estudar o COMEM, acrescentaríamos que, no atual tempo histórico, principalmente no âmbito acadêmico, falar de movimentos sociais, de maneira geral, tem se configurado como um desafio. A rejeição da política e, como corolário, das múltiplas formas de organização social nos marcos neoliberais, associada às questões ideológicas e culturais que perpassam a temática, contribui fortemente para frear as investigações nesse campo. De nossa parte, e a partir da perspectiva teórico-metodológica a qual nos filiamos – a marxista! – compreendemos ser esta uma necessidade patente. Entendemos que esse esforço nos permite avançar nas táticas, críticas e análises e nos ajudam a materializar ações práticas. Ora, como já assegurou Lenin: sem teoria revolucionária, não há prática revolucionária!

Resta destacar que iremos discorrer sobre um movimento do qual tomamos parte ativamente e, nesse sentido, não custa ressaltar – embora já seja conhecido que não há neutralidade quando nos propomos a nos debruçar sobre qualquer fenômeno – tratar-se de análises e críticas que tem a marca de nossa trajetória no mundo. Representa, também, o esforço de dar continuidade a um texto que já havia escrito, anteriormente (quando ainda embalado pelos dilemas reais do COMEM) e, conseqüentemente, contribuir para ter registros da história desse movimento tão importante para Mossoró.

O tempo já transcorrido nos permite olhar para tudo o que aconteceu, não mais como os jovens que, assim como tantos outros, tinham sua primeira experiência militante, mas como sujeitos enriquecidos politicamente por outros experimentos e que agora entendem, mais que nunca, o significado e a relevância do COMEM.

## **2 – Organização política e protagonismo juvenil: Breve contextualização**

A sociabilidade da qual fazemos parte apresenta-se regida pelo sistema capitalista. Tal sistema sociometabólico, para usar os termos de Mézáros (2002), se (re)produz disseminando contradições e antagonismos na totalidade das dimensões a compor a vida social. Dentre essas contradições, podemos mencionar a nevrálgica, qual seja: temos relações sociais determinadas pelo seguinte panorama: de um lado, existe uma



minoria detentora dos meios de produção fundamentais para implementação do processo produtivo e, como corolário, a apropriação da mais-valia proveniente da superexploração da força de trabalho. De outro lado, conforma-se uma maioria de sujeitos que, despossuídos desses meios, necessitam vender a sua força de trabalho, obtendo, sob a forma de salário, um retorno incoerente ao esforço realizado na produção social. Dessa maneira, a base desta sociedade estar fundamentada na divisão de duas classes fundamentais e antagônicas, a burguesia e o proletariado, que se lançam na teia de relações sociais envolta e fortemente marcada pela dominação e exploração. Nas palavras de Marx:

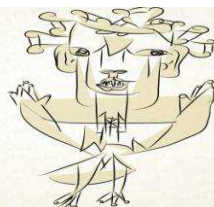
Ao modo de produção capitalista corresponde essencialmente uma relação social entre duas classes. Destas, uma, a burguesia, por ter o monopólio dos meios de produção e do dinheiro, explora a outra, a classe trabalhadora, que não é proprietária de nada exceto a sua “força de trabalho” que se vê forçada a vender (MARX, 1982, p. 67).

Nesse sentido, as bases econômicas, políticas e ideológicas que dão sustentação ao modo de produção capitalista, provocam múltiplas consequências para a classe trabalhadora, traduzidas nas mais diversas expressões da “Questão Social”<sup>3</sup>. A fome, o desemprego, as situações de pobreza extrema, dentre tantas outras poderiam ser mencionadas para ilustrar a situação. Ademais, essas problemáticas, oriundas das divergências entre as classes e da exploração de uma sobre a outra, não ocorre de maneira passiva, sem a presença de rebeldias e contenções. Estamos enfatizando que a conformação da “Questão Social” tem atrelada a si uma dimensão política, expressa no ingresso da classe trabalhadora numa arena de lutas por melhores condições de vida e trabalho.

Noutras palavras, a gama de contradições gestadas do modo de regulação capitalista provoca na classe explorada e oprimida, um sentimento de contestação com a realidade vivenciada. No Manifesto do Partido Comunista, Marx e Engels (1998) destacam que nessa sociedade, são os interesses antagônicos que impulsionam a formação de organizações políticas, através do constante enfrentamento de forças entre as classes, discutindo também

[...] as diferentes etapas do desenvolvimento do proletariado em sua luta cotidiana contra a burguesia, assim como o processo de formação da identidade coletiva, ocorrendo à superação da consciência *em si* e a construção da consciência *para si* (COSTA, 2013, p. 24)

<sup>3</sup> A questão social não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado (IAMAMOTO, 1983, p. 77).



O movimento da tomada de consciência e a organização que acomete o processo político-organizativo da classe trabalhadora, surgem em meio as múltiplas e contraditórias determinações da realidade social e da exponenciação das desigualdades entre as classes, perpassa o cotidiano de lutas dos trabalhadores e trabalhadoras. Segundo Iasi (2007) “a ação coletiva coloca as relações vividas num novo patamar. Vislumbra-se a possibilidade de não apenas se revoltar contra as relações predeterminadas, mas de alterá-las”. Ou seja, historicamente, a organização e mobilização dos sujeitos acontece com vistas a modificar favoravelmente a realidade existente. As agruras que assolam o trabalhador só podem ser derruídas junto com o seu centro gerador: o modo de produção capitalista. No que tange a juventude esta assertiva também é verdadeira. De fato, nas diversas latitudes do globo terrestre, os processos revolucionários se desenvolveram com a presença da juventude organizada, das mais diversas formas e perspectivas.

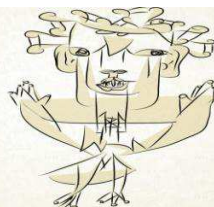
Portanto, esse processo de organização e seu movimento histórico e dialético, alcança também a juventude, enquanto fração da classe trabalhadora que, com todas as suas problemáticas e contradições, tem ocupado espaços, pondo em relevo demandas, necessidades e requisições fundamentais para ampliar a visibilidade das dificuldades que os assola, levando-as, ao mesmo tempo, para o campo da política onde desenvolvem seu caráter e organização na sociedade capitalista.

Sabemos que as demandas da juventude, assim como de outros segmentos, varia de acordo com as tensões e fricções conjunturais a embalar cada momento histórico. Contudo, ao longo dos tempos, alguns aspectos foram evidenciados, à exemplo da demanda histórica da educação – pauta base para a organização do movimento estudantil – as questões de emprego e renda, os estigmas de violência e criminalidade, a liberdade de expressão e orientação sexual, dentre outros.

A organização da juventude em caráter de contestação a essas expressões, vem envolvendo a juventude ao longo das décadas, em torno de demandas e reivindicações que perpassam o cotidiano da classe, tendo em vista a dinâmica da realidade e entendendo a organização política como fenômeno histórico.

Para tanto, elencamos aqui alguns processos históricos de mobilização e luta protagonizados pela juventude em contexto mundial e nacional, sendo o Movimento Estudantil (ME) e a pauta da educação o conjunto mais expressivo das lutas juvenis.

A exemplo disso, tivemos o Maio de 1968 como o grande marco dos fenômenos políticos e mobilizadores da juventude, pois este, expressava fortemente o caráter contestatório de uma massa de jovens que clamavam por reformas no setor educacional,



alcançando, também, pautas como a liberdade sexual, entre outras. Tais manifestações cresceram de tal forma que deu espaço a adesão de sindicatos e partidos de esquerda que deflagravam greves mediante o momento de grande pressão popular, resultando na maior greve geral da história, tomando proporções inimagináveis, onde milhares de estudantes e trabalhadores se lançaram às ruas de Paris, na França.

O cenário de conflitos e mobilizações juvenis na França, influenciaram os manifestos no contexto brasileiro. Em abril de 1968, o assassinato do estudante Edson Luiz, em um confronto com a polícia, resultou numa série de mobilizações estudantis, como a greve geral estudantil decretada pela União Nacional dos Estudantes (UNE) como forma de protesto.

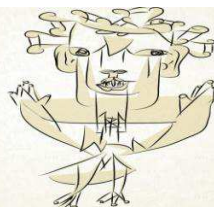
Em junho do mesmo ano ocorreu também um dos mais importantes marcos da luta contra a Ditadura Militar Brasileira (1964–1985), a Passeata dos Cem Mil, onde estudantes, artistas, intelectuais e ativistas políticos ocuparam as ruas do Rio de Janeiro em protesto contra os atos de repressão da ditadura, além de reivindicarem o fim da ditadura e pela redemocratização do país. Com isso, as ruas voltaram a ser palco da atuação estudantil, concentrando as forças da juventude, exigindo o fim do regime militar no Brasil. Essa atuação revigorou a classe trabalhadora e outros movimentos populares.

Em um contexto mais recente os movimentos de massa nos países de capitalismo central, tendo como exemplo a Primavera Árabe<sup>4</sup> e as ocupações de praças nas grandes cidades, como em Wall Street, constituídos grande parte por jovens estudantes e trabalhadores, vem refletindo significativamente nos processos de organização da juventude mundo a fora. Essa assertiva se mostra verdadeira ao passo em que apontamos a atuação do Movimento Estudantil de Mossoró, até então “adormecido”, no COMEM e seus reflexos na conjuntura política da cidade, alcançando ruas e praças e se perpetuando nos espaços políticos das escolas e universidades.

### **3 – O comem e sua trajetória: Olhando o passado, para compreender o presente**

Buscamos aqui, realizar um movimento de saída do ambiente universal para o singular, entre o ativismo político da juventude dos países de capitalismo central e as respostas do movimento estudantil mossoroense aos rebatimentos da crise estrutural, expressa na negação de direitos fundamentais, como a educação de qualidade, por parte de um Governo Estadual cuja gestão exalava autoritarismo e negligência.

<sup>4</sup> Se caracterizou em uma onda de protestos e mobilizações nos países árabes como Tunísia, Síria, Líbia, Egito e Iêmen, em que a população tomou as ruas reivindicando a derrubada de ditadores do poder e pautando melhores condições de vida.



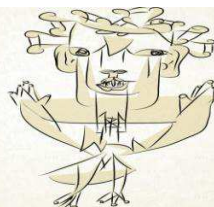
Para tanto, faz-se necessária a abordagem de um fenômeno que marca o ascenso das lutas juvenis na cidade. Esse fenômeno político se configura no surgimento e na ação mobilizadora e transgressora do Comando de Mobilização Estudantil de Mossoró que de início, antes mesmo de ganhar forma e codinome, se constituía apenas de um agrupado de estudantes universitários e secundaristas com o apoio de professores da rede de ensino básica e superior, que no momento, pautavam a defesa de uma educação de qualidade, no município, pois o contexto era de sucateamento dos ambientes escolares e universitários, desvalorização dos trabalhadores em educação e precarização da rede de ensino pública.

A partir disso, o COMEM tem como catalisador de seu surgimento um indicativo de greve – que precedia a deflagração – por parte da Associação dos Docentes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (ADUERN), em maio de 2011, que reivindicava o aumento de salários e o pagamento dos atrasados. A partir desse indicativo, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), convoca uma assembleia geral para se debater a greve que se aproximava e também deliberar um posicionamento dos estudantes, que por fim, seria de apoio a greve dos professores e deflagração de uma greve estudantil, com uma pauta autônoma contendo questões de interesse dos estudantes, seguida de mobilizações e manifestações nas ruas e praças da cidade.

A pauta construída pelos estudantes contemplava demandas como o descontingenciamento das verbas destinadas à universidade, expansão da Política de Assistência Estudantil que se configurava, e isso não avançou muito, quase que inexistente na realidade dos estudantes uernianos. As pautas giravam em torno da reivindicação de um restaurante universitário, do aumento do número de bolsas de pesquisa e extensão, da qualidade no sistema de segurança da universidade, da qualidade na estrutura e a conclusão das construções de novos prédios, a exemplo da construção de um Campi em Natal-RN, que ainda se encontra inacabada, entre outras pautas que faziam, e ainda fazem, parte do cotidiano dos universitários da UERN. Na afirmação de TRINDADE (2011):

[...] O COMEM surge para reafirmar a luta por um projeto de universidade baseada em uma educação pública, gratuita, laica, popular e de qualidade, na qual os(as) estudantes pudessem ter os subsídios necessários para garantir sua formação profissional

Neste contexto de luta e mobilizações em torno da greve que se seguia junto à intransigência do Governo em não aceitar o diálogo com os estudantes e pouco menos negociar com os professores, a juventude organizada no COMEM, aponta proposições mais



transgressoras, no sentido ousado da palavra, quando com muita firmeza leva à risca a decisão de ocupar, em junho de 2011, a 12ª Diretoria Regional de Educação e Desporto (DIREDE), embora tenha sido pensado como alvo da ação, a princípio, o prédio da Reitoria da UERN.

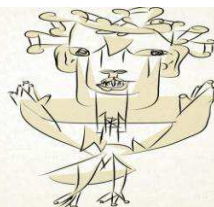
A opção pela DIREDE não se caracterizou uma atitude aleatória ou incoerente, tendo em vista o envolvimento de outros estudantes, que não eram da UERN ou até mesmo da esfera acadêmica, portanto, tinha-se, por parte do COMEM, a preocupação em representar todos os sujeitos envolvidos no processo e, dentre outros motivos, pelo fato de a DIREDE ser um órgão do Estado que está diretamente relacionada com a Educação, de modo geral.

Durante a ocupação – custeada por doações de estudantes, professores e moradores em geral – o grupo de jovens ia tendo novos contatos e se deparando com questões importantes da política, articulando novas estratégias de intervenções na cidade e no prédio da DIREDE, como as frases de efeito pintadas em asfalto e os cartazes na faixa do prédio, além de articularem formas de resistência às ameaças de invasão e repressão policial lançadas a todo instante.

Fazia parte também da agenda da ocupação, as assembleias, as coletivas de imprensa, a construção de espaços de formação política e os momentos culturais em frente ao prédio, entre estes: apresentações teatrais, musicais e de poetas locais, como também, intervenções artísticas dos próprios membros do Comando, que caracterizavam momentos que chamamos de mística. Como conceitua Bogo (2010), a mística “é essa força que precisa ser cultivada com exercícios práticos, mesmo quando a vontade aponta para o lado inverso”, a qual no momento, dava sustentação para a luta e persistência dos sujeitos ali compreendidos.

A desocupação do prédio, em julho de 2011, deu-se, teoricamente, para tentar uma conciliação com o governo que, na sua intransigência, afirmava só negociar com o movimento após a desocupação do prédio. Contudo, outro elemento foi determinante para isso, a saber: o cansaço físico e mental, e a redução da quantidade de pessoas dispostas a continuar, sem água e luz na DIREDE. A água e a energia foram cortadas dia 08/07/2011 e, mesmo com isso, o movimento resistiu ainda por 5 dias, sobre a pressão da precariedade e da permanente intimidação da polícia. Para isso, foi fundamental, novamente, a ajuda da sociedade a qual, sabendo do ocorrido, passou a levar, para a sede da DIREDE, lanternas, velas e lamparinas, como forma de apoio. Isso representou mais um momento histórico para COMEM, momento este que alguns passaram a designar de “revolução das lamparinas” e outros de “resistência de lâmpião”.





Posterior a desocupação, o COMEM enquanto grupo político teve um período breve de ascensão, devido aos novos direcionamentos tomados pelo grupo e por seus membros, como a inserção em outros movimentos e partidos políticos, mas que registrou um marco importante no que se refere ao “despertar” político do Movimento Estudantil e do protagonismo juvenil na cidade. Além disso, sendo este, um marco no processo histórico da organização política da juventude nos anos atuais, foi também impulsionador de diversas outras mobilizações convocadas e incorporadas pela juventude mossoroense e membros antigos do Comando.

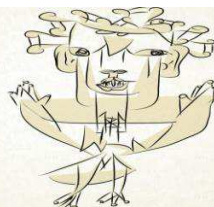
Tal período veio sinalizar o processo surpreendente de amadurecimento político-organizativo da juventude mossoroense ao longo dos anos seguintes, possibilitando, nas universidades, o surgimento de novas forças e grupos políticos, e conseqüentemente a disputa por espaços e instâncias políticas. Já em âmbito escolar, houve a criação e o fortalecimento de grêmios estudantis e, na cidade como um todo, se torna expressiva a expansão de juventudes partidárias, coletivos culturais e o afloramento de movimentos reivindicatórios.

Posterior a este marco na resistência da juventude mossoroense, o desenvolvimento de forças políticas e movimentos sociais foram culminantes na cidade, possibilitando a essa juventude a inserção nestes espaços, permitindo também a esses sujeitos um amadurecimento político da consciência. A partir desse acúmulo, frente ao conservadorismo e as problemáticas locais, a juventude organizada da cidade vem desenvolvendo ações de intervenção e pautando lutas por direitos e melhorias no município.

Portanto, o desenvolvimento do ativismo político da juventude mossoroense, que vem realizando ao longo desse tempo diversas manifestações em torno das demandas cotidianas da juventude e da população em geral, tem possibilitado a organização dessa juventude em movimentos, grupos e coletivos, como o Movimento Pau de Arara, o Coletivo Cultural Pego Beco, o Coletivo Poesia Vagabunda, o Centro Urbano de Intervenções Artísticas e o Levante Popular da Juventude.

Todavia, essas organizações não estão isentas das contradições inerentes às relações sociais, são perpassadas por desafios que implicam na articulação e atuação coletiva desses sujeitos. Entretanto, se configuram espaços organizados pela juventude e que se colocam importantes na formação e atuação política desta na cidade, se propondo na construção e defesa de uma sociedade socialmente, politicamente e culturalmente livre.

#### **4 – Considerações Finais**



Num contexto marcado pelas investidas burguesas nos campos econômico, ideológico e cultural de nossa sociedade com vistas a dificultar o processo de articulação dos sujeitos e, conseqüentemente, a emergência e consolidação de movimentos sociais contestatórios das bases sociais que fundam o modo de produção capitalista, ainda há quem ouse seguir com as bandeiras erguidas, com a voz esbravejante e com os braços levantados a exigir dias melhores. A juventude, certamente, vem dando provas importantes de resistência em meio a todas as inflexões disseminadas pelo capitalismo e tem sido parte atuante dos processos de luta travados do norte ao sul do país.

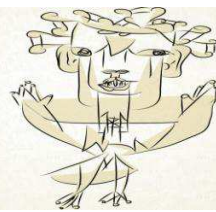
Ao longo do texto, procuramos destacar o protagonismo político da juventude em geral e particularizamos nossa análise, mais especificamente, nas ações que estão sendo levadas a cabo pelos jovens de Mossoró, a despeito das dificuldades e contradições que perpassam seu cotidiano. Trata-se, a nosso ver, de um redirecionamento no quadro de lutas locais, impulsionado pela experiência – diga-se, rápida e limitada – proporcionada pelo Comando de Mobilização Estudantil de Mossoró. Nesse sentido, compreendemos o COMEM como um marco, um divisor de águas no que tange ao papel do jovem na política mossoroense.

Se, antes da experiência proporcionada pelo Comando, o campo de atuação política da juventude, em Mossoró, limitava-se basicamente ao âmbito da universidade, com as atividades impulsionadas pelo Movimento Estudantil, hoje o quadro é inteiramente diverso. Aqueles sujeitos que vivenciaram suas primeiras atividades de militância com o COMEM espalharam-se pela cidade e engajaram-se em diversos espaços. As reivindicações por mobilidade urbana, pela garantia dos direitos dos jovens e mulheres, por transporte público de qualidade, dentre tantas outras, fazem parte da agenda de lutas locais que vem sendo travadas, chamando a atenção da sociedade em geral para a necessidade de mudanças.

Mas, muitos desafios se apresentam em meio a esta realidade. Os rumos da organização política da juventude mossoroense apontam para superar o passado-recente de inércia e os inúmeros obstáculos que dificultam, de alguma forma, seu movimento político na cidade. Trata-se de uma história que tem ganhado novas páginas a cada dia. E resta seguir na luta para que ela tenha um desfecho positivo, numa sociedade emancipada e livre das amarras do capital.

## REFERÊNCIAS

BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classe**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.



COSTA, Indyra Cibelle. **Movimento Estudantil:** sua contribuição para a formação profissional em serviço social no âmbito da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró, RN, 2013.

IASI, Mauro. **Ensaio sobre consciência e emancipação.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Frederich. **O Manifesto do Partido Comunista.** Tradução Maria Lúcia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital:** rumo a uma teoria da transição. Tradução de Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.

TRINDADE, Hiago. **RESISTÊNCIA E LUTA:** algumas notas sobre o COMEM. Mossoró: Mimeo, 2011.